

Megan Maxwell

Pela lente do amor



TRECHO ANTES DO PAÇO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Megan Maxwell

Pela lente do amor



TRADUÇÃO
Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Megan Maxwell, 2014
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016, 2026
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2016

Título original: *Melocotón loco*
Todos os direitos reservados

Preparação: Paula Nogueira
Revisão: Fernanda Iema
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Estúdio Insólito

Os personagens e eventos apresentados nesta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou falecidas é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Maxwell, Megan
Pela lente do amor / Megan Maxwell ; tradução de Sandra Martha Dolinsky.
– 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
432 p.

ISBN 978-85-422-4219-5 (edição de bolso)
Título original: *Melocotón loco*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

26-1154

CDD 863

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Londres, 22 de junho de 2005

— *Pato*... Venha aqui! Quero te mostrar uma coisa! — gritou Lucy, abrindo a porta do quarto de sua irmã.

— Que saco, Nana! Por que você entra sem bater? — reclamou a outra com expressão de torpor, largando o espelho que tinha nas mãos.

Lucy, ao ver o que sua irmã estava fazendo, aproximou-se e disse com carinho:

— Não se preocupe. Amanhã você estará ótima! Certeza que o doutor Jacobs fez um bom trabalho e não vai ficar cicatriz.

Pato, cujo nome era Ana Elizabeth, sorriu. O que menos a preocupava era usar um curativo na testa no dia do casamento de Lucy; nem mesmo se a cicatriz se notasse com o passar do tempo. Sua preocupação era como havia se ferido. Algo que não havia contado.

— Venha, ande! Acabaram de trazer o vestido de noiva e quero que o vejamos juntas.

— Agora?

— Sim, agora — exigiu Lucy. — Mamãe e Elsa o levaram ao meu quarto e... e... Ande, vamos!

Deixando-se levar pela euforia de sua irmã, Ana sorriu e correu para o quarto de Lucy. Ao chegar diante da porta, esta última parou e, cobrindo os olhos, disse em tom suplicante:

— Abra você, e antes de eu olhar, diga se é tão bonito quanto da última vez que o provei em Paris.

— Mas, Nana... — protestou Ana.

— Ande, ande, ande... Pato, por favooooor!

Ana, suspirando com resignação diante da insistência da irmã, abriu a porta. Diante dela, pendurado na cortina por um cabide, estava o objeto de adoração de Lucy. Seu vestido de noiva. Durante uns segundos o observou, e embora ela não gostasse muito dessas roupas tão pomposas, sorriu. Ela ficaria maravilhosa com aquele vestido de corte imperial *off-white*.

— É maravilhoso. Você vai ficar linda.

Então, a futura noiva tirou a mão dos olhos, entrou no quarto e, depois de dar uns pulinhos, bem típicos dela, começou a berrar.

— Adorei, adorei! Oh, Deeeeeeus, vou ficar lindíssima!

— Sem dúvida — sorriu Ana, que não partilhava do egocentrismo da irmã.

Incapaz de conter a alegria, a jovem continuava pulando, até que disse:

— Já falei que adorei, que fiquei maluca e que estou apaixonada por meu vestido Balenciaga?

— Sim.

— Stephanie e Myrian vão morrer de inveja quando o virem.

Ana assentiu. Essas meninas eram as melhores amigas de sua irmã, garotas tão esnobes e superficiais quanto Lucy, que só pensavam em estar bonitas, em moda e em homens. Nessa ordem.

— Ande, ponha a mão. Não é incrível?

— Sim, incrível.

— E veja o véu. Ohhh, vou ficar espetacular com esse véu!

Durante mais de vinte minutos Lucy gritou e pulou diante de seu vestido de noiva enquanto Ana, sentada na cama, escutava e curtiá aquela loucura. Lucy era escandalosa e, às vezes, estressante, mas Ana sabia que quando se separassem, incondicionalmente sentiria falta dela.

Quando por fim a futura senhora Edwards se acalmou, sentou-se ao lado da irmã e perguntou:

— Pato, você vai ajeitar as coisas com Warren?

— Não.

— Caramba! Mas precisa.

— Não — respondeu Ana, categórica. — E ele não vai ao casamento. Eu o proibi.

De olhos arregalados, Lucy exclamou:

— Mamãe vai ficar furiosa quando souber! Ela adora Warren.

— Ouça, Nana, acabou. E por mais que mamãe adore Warren, não é ela quem tem que suportá-lo. — Coçou a orelha e, mentindo, disse: — Nós dois resolvemos terminar, e não quero mais vê-lo.

— Mas pense, Ana — insistiu Lucy. — Warren é bonito e tem uma posição maravilhosa, e...

— Warren não é o que eu quero para mim, Nana — suspirou Ana, incomodada.

— Mas ele e os pais são nossos amigos da vida toda...

— Espero que continuem sendo, mas eu não quero tornar a vê-lo — esclareceu. — E, por favor, ajude-me a fazer papai e mamãe entenderem. Apesar de que, bem, já conto com o histerismo de mamãe.

— Mas o que aconteceu para você terminar com o Warren gatíssimo?

— Nana — disse Ana, cravando os olhos na irmã —, não quero falar nisso.

Lucy abraçou a irmã. Ela era a melhor, apesar de muitas de suas amigas a considerarem estranha porque não gostava de rosa nem de ir ao cabeleireiro todos os dias.

— Tudo bem, estou sendo chata.

Ana por fim esboçou um sorriso, e então Lucy perguntou:

— Quando pretende contar seus planos a papai e mamãe?

— Não sei.

— Caraca, Patoooooo!

— É que não encontrei o momento de falar, e não quero estragar seu casamento.

— Você precisa contar já. Amanhã vou me casar e viajar em lua de mel, não estarei aqui para apoiá-la.

— Eu sei.

Ana sorriu de novo. Adorava a irmã, embora não tivesse nada a ver com ela e seu jeito de ver a vida. Pensou em lhe contar a verdade sobre Warren, mas no fim decidiu poupar-lhe o sofrimento.

— Você tem que contar hoje.

— Tudo bem, tudo bem...

Lucy olhou para Ana e assentiu.

— Não se preocupe, Pato, eles vão entender, tenho certeza. Mamãe vai nos deleitar com um de seus showzinhos histéricos cheios de soluções e expressões como “o que as pessoas vão dizer?”, mas papai vai compreender e acalmá-la. Você vai ver.

— Espero que sim. — E após olhar de novo o vestido de noiva, perguntou: — Tem certeza de que Christopher é o homem de sua vida?

— Sim, absoluta.

Christopher Edwards, seu futuro cunhado, não era objeto de devoção de Ana. Era simples e dócil demais para Lucy. Nos dois anos de relacionamento, ela tentara falar disso com a irmã, mas Lucy estava encantada por aquele belo jovem que trabalhava com seu pai. Não havia nada a fazer.

— Você só tem 21 anos, Nana. Por que tanta pressa em se casar?

— Porque quero ser uma noiva jovem, linda e divina.

Ana não se surpreendeu com a resposta, de modo que depois de virar os olhos, prosseguiu:

— Você ainda está estudando. Não viajou, não viveu. Por que se casar tão cedo?

— Mas você viu este vestido Balenciaga? Acha pouco cortar suas asinhas por um vestido desses?

— Oh, Deus, Nana... você não tem jeito!

— Ande, vamos... eu o amo, amo minha festa grandiosa, a lua de mel, o vestido espetacular, minha independência de papai e mamãe... acha pouco?

— E ele ama você?

Sem sombra de ter se ofendido, a futura noiva se levantou da cama e, apontando para si mesma, sussurrou:

— Como não vai me amar? Você já me viu? Já viu como eu fico neste jeans Versace com sapatos Jimmy Choo?

— Sim, minha filha, sim. Já vi, mas quer fazer o favor de responder ao que estou perguntando?

Afastando do rosto seus cabelos sedosos, tão diferentes do cabelo curto de sua irmã, a orgulhosa futura senhora Edwards respondeu:

— Vou te responder como vejo isso. Sou filha do diretor geral da BBC, Frank Barners. Minhas medidas são perfeitas. Sou linda, jovem e tenho estilo. Minha pele é firme e sem um único poro aberto. Meu cabelo, sedoso e cuidado. Não tenho celulite, nem estrias, nem nada que destoe de meu corpo estilizado e bem cuidado. Uso o número 34 dos melhores estilistas e sou divertida e loquaz. Que mais ele pode pedir?

Sem se surpreender com o discurso, Ana pensou: *esqueceu de dizer que é modesta*. Mas tocando o curativo na testa, sorriu. Ia responder quando a porta se abriu e seus pais, Frank e Teresa, apareceram. Lucy, esquecendo a conversa que mantinha com sua irmã, correu para seu pai e gritou:

— Papai, amanhã vou ficar deslumbrante. O Balenciaga é o vestido de noiva mais bonito que já vi na vida!

Frank Barners, um elegante e cavalheiro homem de negócios, trocou um olhar com sua filha Ana, que sorriu para ele.

— Acho que, em beleza, você supera o vestido, Lucy — comentou ele.

— Obrigada, papaaaai! — exclamou a moça.

— Nana... não é por nada, mas você gosta de um elogio, não? — debochou Ana diante da lisonja de seu pai.

— Está com ciúmes, Pato? — perguntou Lucy.

Então Teresa Domínguez, olhando para sua filha mais velha, interveio:

— Quando vão parar de usar esses apelidos horríveis? Pato e Nana! Quantas vezes já lhes disse para que se chamem pelo nome, Ana Elizabeth e Lucy Marie? — E sem esperar que respondessem, prosseguiu: — A propósito, Ana Elizabeth, você está bem, querida?

— Sim, mamãe. Não se preocupe.

— Que fatalidade! Cair dias antes do casamento... — lamentou a mulher. Preocupado, Frank se aproximou da filha e, tocando-lhe a cabeça enquanto observava o curativo na testa e o pequeno inchaço em sua bochecha, perguntou:

— Não está tonta, não é?

— Não, papai, sério. E você, mamãe, fique tranquila. Já falei com Karen, a maquiadora, e ela disse que irá camuflar toda e qualquer sequela do meu tombo. Ninguém vai notar nada.

— Filha... o que importa é que você esteja bem — esclareceu seu pai.

— Mas eu estou bem — respondeu Ana sorrindo. — E amanhã, para o casamento, estarei melhor.

— Aliás, Ana Elizabeth — disse sua mãe mudando o tom —, acabei de falar com Warren Follen, e ele me disse que não vem ao casamento. Você tem algo a ver com isso?

Afastando a franja para o lado, Ana olhou para sua mãe e disse, firme:

— Claro que tenho a ver, mamãe. Nós terminamos, e eu lhe disse que não quero que venha ao casamento. Algum problema?

— Algum não. Muitos!

— Querida... — advertiu Frank.

Mas Teresa ignorou a chamada de atenção e gritou, encarando a filha:

— Não sei o que você tem na cabeça além de vento! Warren e seus pais são gente influente aqui em Londres e amigos da vida toda e... e não acho certo que ele não venha. Além do mais, pense: sua irmã mais nova vai se casar antes de você!

Esse comentário conseguiu fazer Ana soltar uma gargalhada e, sem se importar com a expressão da mãe, replicou:

— Mamãe, eu sou só dois anos mais velha que Nana. Tenho 23! Se alguém a ouvir vai pensar que...

— Exato! Vai pensar que você é uma jovem amargurada e uma futura solteirona. E assumo, você nunca teve a facilidade de Lucy Marie para se comunicar com os outros.

— Sim, mamãe, eu sei. Ela é a filha linda e eu a feia. Eu sei... eu sei...

— Você não é feia — protestou Lucy, intercedendo por sua irmã.

— Mas que bobagem está dizendo, mulher! — gritou Frank ao escutar sua esposa. — Quem ousou dizer que minha Ana é feia? Simplesmente são duas mocinhas diferentes, só isso.

— Papai, não se preocupe — disse Ana rindo.

Mas sua mãe não se deu por vencida.

— Eu não disse nem nunca direi que Ana Elizabeth é feia. Não é. Mas olhe para ela. Acha que alguém vai olhar para ela?

Frank desviou a olhar para suas filhas e sorriu. Lucy era toda cor, feminilidade, cachos claros e sedosos, glamour e frisson num único pacote. Já Ana fazia o tipo jeans e camiseta, tinha o rosto miúdo emoldurado por cabelos curtos e escuros e óculos retrô. Dois estilos muito diferentes.

Ana, divertindo-se com a expressão de seus pais, foi dizer algo, mas sua mãe se antecipou:

— Como se atreve a terminar com Warren justo agora? Ele é um excelente partido. O pai dele é membro ativo da Câmara dos Lordes!

— Mamãe, isso não me interessa. Quando você vai perceber que eu não dou a mesma importância que você para certas coisas? — queixou-se.

— Warren é rico — continuou sua mãe —, de uma boa família, bem-apessoado, ama você do jeito que é e tem suas próprias empresas. O que mais você pode pedir?

— Outras coisas, mamãe. Outras coisas — murmurou Ana, desencantada.

Seu pai a olhou com carinho. Perceber tristeza nos olhos de sua filha o estava matando. O que estava acontecendo com ela?

— Não sei por que você terminou com ele. Repito que Warren é um excelente partido; além do mais, nós o conhecemos da vida toda e sabemos que tratará você como uma rainha.

Respirando fundo, Ana suspirou. O maravilhoso Warren de maravilhoso só tinha o nome.

— Ouça, mamãe, esse maravilhoso Warren que você adora — sibilou com raiva — não entra em meus planos. Portanto, assunto encerrado, e não insista, porque não tem volta.

Então, Teresa se sentou dramaticamente na cadeira que estava ao lado do vestido Balenciaga e gemeu. Warren era um candidato magnífico para sua filha e não pretendia deixá-lo escapar.

Ana, ainda abalada pelo ocorrido, mas certa de que aquele era o melhor momento para dar a notícia que tinha que dar, olhou para sua irmã, e esta assentiu. Pôs-se a seu lado e lhe deu a mão. Para Frank, esse gesto não passou despercebido.

— Agora que estamos os quatro aqui, quero lhes dizer uma coisa importante.

— Você está grávida?! — interrompeu-a sua mãe.

— Mamãe, por favooooor! — exclamou Ana. E olhando para ela, perguntou em tom de desafio: — E se estivesse, qual o problema? Seria um pecado?

— Seria vergonhoso! — gritou a mulher, histérica.

— Ora, mamãe, por favor.

— Diga ao menos que é de Warren — rogou ela, esperançosa.

— Não, mamãe.

Dramatizando como nas melhores tragédias de Shakespeare, Teresa berrou:

— Pelo amor de Deus, Frank! Não é de Warren! A menina, grávida e solteira. É um desastre. Estaremos na boca de todo mundo em Londres.

Ana sorriu. Sua mãe e seus histerismos... Mas, ao ver a expressão de seu pai, negou com a cabeça, e este, aliviado, assentiu. Lucy suspirou. Sua mãe era uma histérica, mas sua irmã era uma pentelha. Incapaz de ficar sem fazer ou dizer nada, olhou para Ana e sibilou:

— Por favor, pare de jogar lenha na fogueira, bonitinha. Diga à mamãe que não é verdade, ou ela vai ter um troço, e em vez de ir a um casamento amanhã, iremos a um funeral.

— Ouça, mamãe — esclareceu Ana —, não estou grávida. Eu só queria dizer a você e a papai que preciso fazer uma mudança em minha vida. E, por isso, no mês que vem vou me mudar para a Espanha.

— Você vai para a Espanha?! — berrou Teresa, histérica.

Frank balançou a cabeça e pegou a mão de sua mulher enquanto sua filha prosseguia:

— Arrumei um emprego de fotógrafa por lá, em uma revista de moda.

— Não pode ser! — gemeu Teresa de novo. — Você tem que se casar, ter filhos...

— Chega, mamãe! — gritou Ana, cada vez mais irritada. — Você pretende chorar e fazer uma cena para tudo o que eu disser?

— Ah, Ana Elizabeth, com esse seu jeito de ser está jogando por terra todos os planos que eu tinha para você! Achei que você se casaria com Warren, teria filhos lindos, tomaríamos chá juntas e você moraria em Kensington, em uma casa linda e luminosa.

— Bem, sinto muito. Eu tenho meus próprios planos para minha vida — afirmou a jovem.

Frank ia falar, mas sua mulher se antecipou aos gritos:

— Você não precisa trabalhar em uma revista! Seu pai e eu lhe demos os melhores estudos! Você é advogada! Fala três idiomas. Por que vai trabalhar como fotógrafa?

— Porque é o que gosto de fazer, mamãe. E se terminei a faculdade foi porque você queria, não eu.

— Mas... mas você disse que gostava — insistiu a mulher.

— E gosto, mamãe. Mas minha paixão mesmo é a fotografia. Quero ser fotógrafa.

— Ah, não! Nem pensar! Primeiro você termina com seu namorado, e agora vai para a Espanha? Nem pensar!

— Eu vou, mamãe. Quer você queira, quer não, vou morar em Madri.

— Nem pense nisso! — opôs-se Teresa, gesticulando.

— Não me importa o que você diga, mamãe. Tenho 23 anos, sou maior de idade e acho que já é hora de eu começar a tomar minhas próprias decisões.

— Desgostos... Você só me dá desgostos. Por que não pode ser uma boa filha, como Lucy?

Ana ia responder, mas sua mãe prosseguiu:

— E como se não bastasse, quer morar em Madri, uma cidade que você sabe que não me traz gratas recordações, e... e...

Ana suspirou. Sua mãe era espanhola, especificamente de Madri. Mas, depois de conhecer seu pai e se casar com ele, havia ido para Londres para viver em sua rica casa de Saint James, esquecendo que em sua juventude, depois de sair do orfanato, havia vivido em um apartamentinho de 70 m² em Villaverde.

— Mamãe, já chega. Por favor, quer escutar o que Pato tem a dizer?

— Vocês sabem que sempre gostei de fotografia e que fiz vários cursos que me interessavam além do Direito. Tentei ser uma boa filha, embora mamãe pense o contrário, mas simplesmente preciso mudar minha vida. Quero recomeçar em outro lugar, por isso aceitei esse emprego em Madri, porque minha intenção é ganhar experiência e tentar abrir meu próprio estúdio fotográfico.

— Isso eu posso lhe proporcionar, meu amor — respondeu seu pai, emocionado. — Se quiser, posso lhe dar seu estúdio fotográfico sem que precise trabalhar para os outros, e...

— Papai — interrompeu ela —, você sempre me falou da importância de lutar pelo que se quer. Sempre me disse que uma das coisas de que mais se orgulha pessoalmente é de ter chegado a ser quem é por seu próprio trabalho. E eu quero fazer isso. Quero conseguir as coisas por mim mesma, e não por ser a filha de... Por favor, entenda, preciso fazer isso e me afastar de Londres.

Sabendo que havia algo de errado com sua filha, ele se afastou uns metros com ela e lhe perguntou:

— Querida, o que aconteceu para que você queira ir embora?

— Nada, papai — mentiu ela. — Não aconteceu nada. Mas quero começar de novo em um lugar onde possa ser eu mesma.

“Afastar-me de Londres.” Essa frase tocara o coração de Frank. Sua filha não estava bem, e ele tinha certeza de que nem tudo se devia à separação de Warren. O que estava acontecendo? Não saber o inquietava, mas também não queria ser indiscreto e perguntar. Se Ana tinha algo para contar, ela mesma o faria. Mas ele não queria ver sua filha sofrer, e nos últimos meses, especialmente nos últimos dias, a garota não estava bem; via isso em seu olhar triste. Isso fazia seu coração sofrer. Ana era uma lutadora, não uma pessoa materialista como Lucy. Sempre havia tentado conseguir as coisas por seus próprios meios, e isso deixava Frank orgulhoso.

Depois de olhar para sua mulher histérica, cravou os olhos em sua filha, e certo de que era o melhor, disse:

— Tudo bem, Ana. Eu apoiarei sua decisão, mas prometa-me uma coisa.

— O que, papai?

— Que sempre que precisar de ajuda, seja para o que for, vai recorrer a mim, certo?

— Claro, papai. Eu prometo.

Dito isso, fundiram-se em um caloroso abraço enquanto Teresa, como era de se esperar, desmaiava diante da iminente partida de sua filha.

